

## O TRICENTENÁRIO DA COMUNIDADE ISRAELITA DOS ESTADOS UNIDOS (1954) E AS SUAS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA DO BRASIL

Enquanto São Paulo prepara-se para comemorar o seu IV Centenário, o mesmo ano de 1954 vai presenciar mais um jubileu, o qual, sob certo aspecto, também está em relação com a história do Brasil: o tricentenário da comunidade israelita estadunidense. Quando estivemos nos Estados Unidos no início de 1952 e éramos hóspede de diversas grandes organizações judaicas, com finalidades históricas, teológicas, cívicas, participamos das primeiras reuniões preparatórias das festividades para a comemoração dessa efeméride que, sem dúvida, alcançará grande brilho e terá muita publicidade. O interessante é que essa data norte-americana tem grande relação com a nossa história. Como? Vejamos.

Em 1654, somente 34 anos após a chegada da *Mayflower* a Plymouth (Mass.), barco que trouxe os *Pilgrim-Fathers* para o país, chegou ao pôrto da então Nova Amesterdão a embarcação *Santa Catarina*, — ou, como alguns opinam, *San Carlos* — com vinte e três judeus a bordo, vindos de Recife (Pernambuco). Estes imigrantes eram uma parcela dos judeus desterrados do Brasil com a reconquista dos domínios holandeses pelos portugueses.

Como é sabido, desde os primeiros dias da história do Brasil, cristãos-novos de Portugal vinham para cá, e de passagem pela Ilha da Madeira tinham trazido consigo o cultivo da cana de açúcar. Com o domínio holandês, o número de israelitas aumentou sensivelmente. Eram eles todos *Sefaradim*, isto é, de origem ibérica e principalmente portuguesa, e tinham vindo de Portugal diretamente ou através dos Países-Baixos.

Em 1654, alguns deles resolveram emigrar do território reconquistado pelos portugueses e voltaram à Holanda ou tentaram fazê-lo; outros demandaram os domínios holandeses, franceses e ingleses nas Guianas e no Mar das Antilhas; para finalmente chegarem, em pequeno número, aos Estados Unidos da América do Norte, principalmente no século XVIII. Foi somente uma única embarcação, como já dissemos, que diretamente (provavelmente por acaso), chegou à Nova Amesterdão.

Esses imigrantes introduziram por tódia a parte das Índias Ocidentais a cultura da cana de açúcar, de maneira que foram bem recebidos e conseguiram assim logo fundar comunidades prósperas,

como em Surinam e em Curaçao, com centenas e às vezes até com um ou dois milheiros de almas. Na colônia inglesa da Jamaica e em Barbados, as autoridades britânicas foram mais tolerantes do que as da metrópole, e, em 1671, recebeu o governador autorização para convidar maior número de judeus vindos do sul para aí se estabelecerem. Os que chegaram primeiro foram judeus do Brasil; entre eles Abraham de Mercado, antigo co-presidente da comunidade israelita do Recife, e seu filho David Rafael de Mercado, ambos doutores em medicina. A admissão oficial dos judeus nos Índias Ocidentais efetuou-se em 1655 (1).

Nas Índias Ocidentais francesas houve um início difícil, mas no século XVIII também houve aí um florescimento, depois da intervenção das grandes casas comerciais dos sefaradins de Bordéus (2).

Foi nos dado ver de perto, por acaso, uma dessas comunidades israelitas ainda hoje florescente, com caráter ainda perfeitamente sefaradi: a de Willemstaadt em Curaçao, com a sua famosa sinagoga do século XVIII, no estilo barroco holandês, parecida com as famosas sinagogas sefaradins de Amsterdão. O soalho do templo, ricamente ornamentado com madeira trabalhada de Mahagoni, estava coberto com uma camada de fina areia branca, sempre renovada. Como explicação, seja dito de passagem, que a areia simboliza o deserto, e a primeira migração israelita que se tornou protótipo, foi pelo deserto, nos dias de Moisés. Aí, em Curaçao, guarda-se ainda uma recordação simbólica de que os fundadores foram refugiados. Infelizmente nada encontramos sobre esse assunto na bibliografia de que pudemos dispor para escrever este artigo, mas estamos convencidos de que pesquisas nos arquivos daquela congregação podem elucidar o assunto e indicar também os nomes dos sefaradins, que vieram do Brasil, como já se verificou na Jamaica e em Barbados (3). Devido ao pouco tempo que dispuzemos para fazer uma pesquisa *in loco* não nos foi possível aprofundar o assunto.

Após essa introdução geral, voltemos aos judeus que chegaram nos Estados Unidos em 1654. A 22 de agosto daquele ano, provavelmente semanas antes da vinda dos "brasileiros", tinham desembarcado como imigrados individuais, vindo da Holanda para Nova Amsterdão, dois judeus: Jacob Barsimson e Jacob Aboab. Os nomes indicam a origem sefaradi, provavelmente de Portugal. É possível também que nesses dias tenha entrado um outro judeu imigrado, desconhecido, conforme relata um sacerdote contemporâneo da Igreja Reformada holandesa (4). Como eram judeus da mesma origem, não resta dúvida que num país de imigração logo

(1).— Cecil Roth, *A History of the Marranos*, p. 289.

(2). — Para maiores pormenores vide Dubnow, *Weltgeschichte des Juedischen Volkes*, vol. 7. p. 430 e Werner Sombart, *Die Juden und das Wirtschaftsleben*. Sombart fez ampla coleta de material, mas falhou na sua interpretação.

(3). — A nosso ver, o rabino de Willemstaadt-Curaçao, de nome Yéssurum Cardoso, está capacitado a fornecer documentação acerca das famílias fundadoras.

(4). — Lee M. Friedmann, *Jewish Pioneers and Patriots*, p. 133.

houve uma mistura entre as famílias vindas via Holanda-Brasil, e as que chegaram diretamente da Holanda, ou no século seguinte, da Inglaterra. O que geralmente não houve nos primeiros tempos coloniais foram casamentos entre *sefáradins* e *aschkenasins* (judeus da Europa Central), pois estes chegaram nos dois primeiros séculos de uma forma esporádica. Por esse motivo será, pois, quase impossível indicar em todos os casos, se as famílias respectivas foram “brasileiras” ou “portuguêsas”. A pesquisa é dificultada nesse sentido pela carência de material documentário que seja oriundo desses remotos tempos, pois os arquivos datam, nos centros imigratórios como Nova York (Nova Amsterdão) e Newport (Rhode Island), somente dos primórdios do século XVIII, quando as famílias, com certeza, já tinham perdido a sua individualidade brasileira, apesar de que todas as primeiras comunidades continuassem a usar o idioma português (5).

De interesse para nós no Brasil é o fato de que o grupo de 23 judeus, provavelmente constituído de famílias, foi a *primeira imigração coletiva*, a qual só pelo seu número foi importante. Eles esperavam ser bem recebidos, como vítimas dos portugueses em uma colônia dos Países-Baixos, que acabava de sofrer a invasão dos portugueses do Brasil. Mas não conseguiram, talvez pelo seu número, a permissão de se radicarem em Nova Amsterdão, senão com grandes dificuldades iniciais. O governador Pedro Stuyvesant, xenófobo, opôs-se ao seu desembarque, o qual somente lhes foi concedido após a intervenção direta da diretoria da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, por exigência dos seus importantes acionistas israelitas.

O texto do documento de admissão é o seguinte (6):

“Ao cabo de ponderações detalhadas e em vista de uma petição feita pelos judeus portugueses de Amsterdão, resolvemos permitir-lhes (aos judeus brasileiros) — navegar nas águas da Nova Holanda, negociar e radicar-se em toda a parte, sob condição de que os “sem-meios” dentre eles não constituam encargos para a Companhia e nem para a coletividade cristã, e sim que sejam amparados pelos seus próprios correligionários”.

Este documento, emitido em 1655, foi a Magna Carta dos judeus americanos, outorgada ao primeiro grupo de judeus imigrados, precisamente àquêle que tinha chegado do Brasil.

O governador, todavia, insistiu na sua teimosia e a situação só melhorou quando os ingleses ocuparam Nova Amsterdão, com um regime muito mais magnânimo do que o holandês, e mais também do que aquêle que vigorava na época na metrópole britânica. Marx-

(5). — Nosso colega, Dr. David de Sola Pool, publicou uma história da mais velha comunidade, *Shearith Israel*, hoje chamada *Spanish and Portuguese Synagogue* em New York. Mas infelizmente sua documentação vai até 1728, como veremos mais adiante. Comunicamo-nos com ele para saber se há material inédito para ser publicado por ocasião do 300.º aniversário, em 1954, acerca do assunto. (Vide nota 23).

(6). — Bloom, *A Study of Brazilian History*. Publ. da “American Jewish Historical Society”, n.º 33, 1934, p. 49. Este autor cita também, na p. 67, a existência de manuscritos na *Library of Congress* em Washington, sob o item “Papers relating to Brazil 1649-1951”. Também nos comunicamos com essa Sociedade para maiores detalhes.

Margulies, historiadores judeu-norte-americanos, escreveram: “A todo passo o pequeno grupo, um pouco aumentado por novos imigrantes de Amsterdão, encontrou dificuldades nas mãos das autoridades inamistosas. Mas êle persistiu sem se deixar abalar” (7).

Salo W. Baron escreve na sua monumental obra histórica, *The Jewish Community* (8), que em 1656 obtiveram enfim uma decisão completa da parte dos diretores da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, pela qual “gozaram da mesma liberdade como sua nação radicada na Holanda, inclusive todos os privilégios civis e religiosos”. Mas foi-lhes prescrito que a dita liberdade referia-se somente “ao serviço religioso a ser praticado com tôda a quietude dentro de suas casas”. Essa liberdade de culto foi definitivamente introduzida pelos ingleses quando, em 1674, o Duque de York deu instruções ao governador Andros de “permitir a tôdas as pessoas de todo e qualquer credo, as quais habitam quietamente dentro dos vossos têrmos de jurisdição, sem provocar perturbação alguma por motivo ou razão de diferença de opiniões em matéria de religião, sob condição de que não perturbem a paz pública nem molestem ou desconfortem outrém, o livre exercício da sua religião”.

Foi Asser Levy, judeu sefaradi, o mestre dos primeiros imigrantes. Não se sabe se êle pertenceu ao grupo brasileiro (9). Em 1665 foi decretado que a um hebreu não era permitido servir na milícia e que em vez disso pagaria uma taxa mensal (conforme o sistema europeu). Os judeus lutaram pela sua admissão na milícia e parece que da Holanda veio uma autorização nesse sentido, assim como uma certa concessão de cidadania aos seus correligionários.

Em 1682, alugaram os judeus de Nova York a primeira casa de oração, não restando dúvida que antes já se tinham reunido em serviços religiosos. Em 1729 dedicaram a primeira sinagoga na Mill Street, pertencente à Congregação *Shearit Israel* (“O Resto de Israel”), que foi usada durante quase um século. Esta Congregação é a mais velha e uma das mais reputadas dos Estados Unidos, com rito português, hoje chamada *Spanish and Portuguese Synagogue*, na 71st Street, esquina com Central Park West (10). Fomos, provavelmente, o primeiro rabino brasileiro a ser recebido nesse templo e o fomos pelo nosso colega David de Sola Pool, o qual não fala mais o português, mas entende o nosso idioma. Os judeus portugueses dessa congregação foram por muito tempo os socialmente dominantes (11) e quase todos os seus rabinos tiveram nomes portugueses. O arquivo da *Shearit Israel* infelizmente só começa em 1728 (12) e duvidamos que as publicações que aparecerão por ocasião do Tricentenário, possam trazer a lume material útil inédito anterior

(7). — Marx-Margulies, *A History of the Jewish People*, p. 604.

(8). — Salo W. Baron, *The Jewish Community*, vol. I, p. 260.

(9). — Friedmann, ob. cit., p. 137.

(10). — Salo W. Baron, vol. II, p. 136. Já em 1700 tinha esta congregação alugado de um cristão uma casa de oração, chamada “Sinagogue of the Jews” (ibidem, vol. I, p. 261).

(11). — Gristein, *The Rise of the Jewish Community of New York*, p. 40.

(12). — Ibidem, p. 39.

a essa data (13). Mas felizmente há um certo meio “indireto” de se avaliar a importância do grupo brasileiro, pois, conforme Grinstein (14), havia em 1695 um total de somente vinte famílias israelitas em Nova York, o que também indica que provavelmente algumas famílias brasileiras possam ter emigrado para outras cidades, como veremos mais adiante. Em 1728 havia 61 cadeiras alugadas na nova sinagoga da *Shearit Israel*, o que corresponde talvez a trinta famílias radicadas.

Para a historiografia judaica sempre é fator muito importante a relação das sepulturas nos velhos cemitérios, uma vez que a lei religiosa israelita exige que os corpos de seus fiéis sejam enterrados num cemitério confessional. Essa sempre foi a primeira preocupação de judeus imigrados: a fundação de um campo santo antes de estabelecer qualquer outra instituição religiosa. Assim, vemos que já em 1655, os judeus de Nova Amesterdão fizeram uma petição para a compra de um terreno para um cemitério. Estes eram então os judeus brasileiros. Mas passou-se um quarto de século antes que fôsse dada a licença para a compra (15). Pedimos informações à congregação *Shearit Israel* acêrca das pedras tumulares ou de relação de sepulturas que possam servir a nossa finalidade, mas infelizmente duvidamos que daquele remoto tempo possa existir algum material real ou mesmo escrito. (Vide nota 23).

Dediquemos agora alguns instantes à história daqueles que não se radicaram em Nova Amesterdão. Os Puritanos da Nova Inglaterra demonstraram uma atitude de boa vizinhança para com os judeus, pelo seu amor ao Velho Testamento. Já em 1652 fôra promulgada uma declaração pela qual “todos os homens, de qualquer nação que fôssem, ao serem recebidos como habitantes de qualquer cidade, terão os mesmos privilégios que os inglêses” (16). Já em 1658 chegaram quinze famílias em Newport (Rhode Island), fundando aí uma comunidade — e isso antes que em Nova York — a qual logo se desenvolveu e se tornou próspera. E’ sabido que este pôrto inicialmente foi de maior importância do que o de Nova Amesterdão. Ali concentraram-se sefaradins de todos os recantos e não há dúvida de que também houve uma transmigração. A êsse respeito possuímos a história de uma família do Brasil, que é muito interessante (17):

Na companhia do primeiro rabino do hemisfério ocidental, Isaac Aboab da Fonseca, que permaneceu alguns anos no Brasil (Pernambuco), — mas voltou depois à Holanda — veio um assistente com o nome de Mordecai Campanelli. Êste foi, depois da tragédia de 1654, diretamente a Newport (Rhode Island), onde se tor-

(13). — Estamos em contacto com tôdas essas organizações.

(14). — Grinstein, ob. cit., p. 469, nota 1.

(15). — *American Jewish Chronicle*, p. 317 e segs; Baron, ob. cit., v. I, p. 152, nota 24; ibidem, vol. II, p. 147.

(16). — Friedmann, ob. cit., p. 139.

(17). — Ibidem, p. 208 c segs.

nou um dos homens mais importantes da comunidade daquela cidade, usando o nome de Mordecai Campanal. Foi ele um dos dois homens que compraram em 1677 o terreno para o famoso cemitério de Newport, dedicado ao uso “dos Judeus e da sua Nação, Sociedade ou Amigos”. Na sua residência fundou-se a primeira loja de maçonaria. Em 1678 induziu em Barbados membros de sua família e amigos para que viessem para Newport, onde de fato mais tarde radicaram-se as famílias de David, Daniel e Abraham Campernell. Em 1685 havia entre as nove mais abastadas famílias, quatro de seu nome. A família também se ramificou em Boston e em toda a Nova Inglaterra e isso ainda no século XVII e no começo do XVIII.

Cecil Roth afirma que (18): “De Nova York espalharam-se os *settlements* das comunidades de marranos (19). Alguns dos recém-chegados, desencorajados pela recepção oferecida por Stuyvesant, tornaram a emigrar para Newport (Rhode Island), onde originou-se, em 1658, uma congregação *Yeshuat Israel* (“Salvação de Israel”). Foram reforçados por judeus de muitas partes. Em 1690, chegou um contingente de Curaçao, e no século XVIII esta foi a comunidade mais importante dos Estados Unidos. Jacob Rodrigues Rivera que chegou diretamente de Portugal em 1745, foi a primeira pessoa a introduzir a manufatura de espermacete nas Américas. Aron Lopes foi o comerciante mais rico do porto, no período anterior à revolução, e dono de trinta navios. E’ sabido também que mais tarde algumas dessas famílias chegaram a ter o monopólio comercial do óleo de baleia.

Esse ambiente de franco progresso e liberdade atraiu sefaradins de todas as partes e com certeza também mais de uma família brasileira. Isso fez com que erigissem em 1763 a bonita sinagoga, que ainda hoje existe como um monumento histórico do judaísmo norte-americano. O cemitério, fundado em 1677, famoso pelo poema de Longfellow, *The Jewish Cemetery of Newport*, pode ser um repositório de conhecimentos sobre os judeus e talvez dos judeus brasileiros nos Estados Unidos (20).

A primeira menção da existência de israelitas na Pensilvânia é feita em 1657, mas só no século seguinte é que aí se radicou um grupo substancial. Também aí, aliás como em todos os lugares, foram os sefaradins que se radicaram. Uma figura curiosa foi a Dr. Jacob Lombrozo, *the Jew Doctor*, que foi mencionado pela primeira vez em Maryland em 1657, como um dos primeiros médicos. O primeiro imigrado judeu da Virgínia foi Elias Legardo, já aí radicado em 1624, tendo chegado ao país em 1621. Nos *colonial records* de Connecticut encontramos um nome judaico em 1659, e em 1661 essa mesma pessoa recebeu licença de habitação. No fim do século

(18). — Cecil Roth, ob cit., p. 293.

(19). — Por marranos designavam-se os judeus que temporariamente tinham encoberto a sua ascendência. A etimologia dessa palavra ainda é objeto de controvérsias.

(20). — Baron, ob. cit., vol. I. p. 262.

XVII e princípios do XVIII mencionam-se sefaradins em South Carolina e na Geórgia, onde em 1733 judeus portugueses de Londres fundaram a comunidade israelita de Savannah (21).

J. Lúcio de Azevedo escreve na sua *História dos Cristãos Novos Portugueses* (pág. 434-435): “De 1733 em diante, encontramos em Filadélfia os judeus Abendana, Cardoso, Costa, Lucena, Madeira, Seixas, que evidentemente descendiam dos emigrados do Brasil; em Nova York: Andrade, Da Costa, Gomes Lucena, Medina, Nunes, Pacheco Rodrigues, Seixas (*Jew Encyclopaedia*, 1.<sup>o</sup>, 513). Passados anos, Salomão Pinto e Jacob Pinto de New Haven, Est. de Connecticut, figuram entre os patriotas da guerra da Independência...” — Infelizmente o autor fica-nos devendo a prova que o possa autorizar a supôr que se trata de imigrados ou descendentes de imigrados do Brasil e não de Portugal ou do Mar das Antilhas.

Este é um resumo da imigração sefaradi do período colonial. Os nomes são exclusivamente portugueses, assim como durante muitos anos as comunidades usaram o idioma português como língua oficial. Com certeza existiam judeus oriundos do Brasil em Nova York e em Rhode Island, e ousamos dizer — baseados no conhecimento que temos da índole dos judeus sefaradins, homens de grande arrôjo e sempre corajosos nos novos empreendimentos — que também houve brasileiros em outras regiões, cujos vestígios serão dificilmente descobertos e sòmente o acaso nos poderá favorecer nesse sentido. Sem dúvida alguma, logo perderam êles sua individualidade como brasileiros, pois assimilaram-se prontamente ao grupo sefaradi português que representa uma sólida unidade histórica. Marx-Margulies escrevem (22), em resumo, que “a maioria foram judeus portugueses (chegados aos Estados Unidos) vindos da Holanda e do Brasil holandês no século XVII e da Inglaterra no século XVIII”.

Talvez, em 1954, com as novas publicações que sem dúvida aparecerão, os nossos conhecimentos se ampliarão, mas sinceramente duvidamos que se façam ampliações do nosso saber sôbre a história das primitivas comunidades judaicas dos Estados Unidos (23).

#### FREDERICO PINKUSS

Professor do Curso livre de Hebraico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

---

(21). — Um descrição resumida encontra-se em David Philipson, *The Jews in America*, in “Jewish Tracts”, Union of American Hebrew Congregations, Cincinnati.

(22). — Marx-Margulies, ob. cit., p. 603.

(23). — No intervalo entre a composição desta relação e a sua publicação, foi anunciado na revista *Commentary*, New York, março de 1953, pág. 321, o seguinte livro:

David de Sola Pool, *Portraits Etched In Stone, Early Jewish Settlers, 1682-1831*. com o aviso:

“O autor escreveu uma extraordinária história: a do cemitério de Chatham Square, e as biografias de 179 pessoas aí enterradas, antepassados de tão ilustres americanos como Bernard Baruch e Benjamin Cardozo. Cartas, manuscritos e arquivos geralmente inacessíveis ressuscitam a tradição de um velho povo em um novo mundo”.

O livro ainda não é acessível em S. Paulo, mas a sua leitura se torna importante para completar as pesquisas feitas nesta relação, no que se refere às famílias brasileiras porventura encontradas em Nova York e talvez ainda não mencionadas na bibliografia até agora existente.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA.

- Anita Lebeson, *American Jewish Chronicle*, in Finkelstein, "The Jews, Their History, Culture, Religion", Philadelphia, 1949.
- Marx-Margulies, *A History of the Jewish People*, Philadelphia, 1945.
- Salo W. Baron, *The Jewish Community*, Philadelphia, 3 vols., 1945. (Com indicação de bibliografia especializada no III volume, notas 40 a 42).
- Hyman B. Grinstein, *The Rise of the Jewish Community of New York 1654-1860*, Philadelphia, 1945.
- Dubnow, *Weltgeschichte des Juedischen Volkes*, Berlim, 1911, 10 vols.
- Werner Sombart, *Die Juden und das Wirtschaftsleben*, Berlim, 1911.
- Cecil Roth, *A History of the Marranos*, Philadelphia, 1941.
- Lee M. Friedmann, *Jewish Pioneers and Patriots*, Philadelphia, 1942.
- Idem, *Pilgrims in a New Land*, Philadelphia, 1948.
- David de Sola, *The Millstreet Synagogue in New York* (publicação ainda inacessível em S. Paulo).
- Gutstein, *The Story of the Jews of New Port* (publicação ainda inacessível em S. Paulo).
- Frederico Pinkuss, *O Caminho de Israel através dos Tempos*, cap. XIII, em "Revista do Arquivo Municipal de São Paulo", vol. C, 1945.
- Bloom, *A Study of Brazilian Jewish History*, publ. da "American Jewish Historical Society", n.º 33, 1934.
- David Philipson, *The Jews in America*, dos "The Jewish Tracts", da Union of Hebrew Congregations, Cincinnati.
- J. Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos Novos Portuguêses*, (Lisboa, 1922).
- David de Sola Pool, *Portraits Etched in Stone*, New York 1935 (ainda inacessível em São Paulo).
- Jacob R. Marcus, *Early American Jewry*, 2 vols., a sair em 1953, Jew. Publ. Society of America (Philad.).